TEATRO

# Brecht inspira reflexão sobre antigas utopias

Luiz Fernando Vianna

Bandeiras vermelhas são desfraldadas, o jargão marxista é falado e a "Internacional socialista" é cantada em "A mãe", que estréia amanhã no Teatro da Aliança Francesa de Botafogo. Para homenagear Bertolt Brecht nos 40 anos de sua morte, Luiz Fernando Lobo resolveu pôr em cena os símbolos acima para discutir o ranço que os cerca e a existência de coisas que eles queriam combater, como a miséria.

— Eu cortei da peça o que era muito ligado à realidade da Alemanha de 1932, porque só servia como agitação e propaganda — avisa o diretor. — Mas mantive outras que me pareceram interessantes num momento de falência das utopias como o nosso. É uma relação dialética, em que causa estranheza ao público ver elementos de uma outra época, e nos faz pensar o que pôr no lugar daquelas utopias.

Baseada no romance homônimo de Máximo Gorki, a peça de Brecht acompanha a trajetória de Pelagea Wlassowa, uma mulher russa preocupada apenas com a sobrevivência de seu filho Pawel no início da trama, mas que se torna, ao longo do tempo, defensora dos operários de uma fábrica.

— O que importa mais hoje em dia na peça é ver que a ignorância oprime e que o saber é uma arma — afirma Luiz Fernando, lembrando ainda que Pelagea percebe que não há saídas individuais possíveis.

Thelma Reston, cuja carreira já esteve muito ligada ao teatro político, interpreta a protagonista, uma mulher que considera bem atual:

— Ela é como as mães da Praça de Maio, em Buenos Aires, ou as de Acari. Começam lutando por seus filhos e acabam atingindo algo maior.

Marcelo Escorel vive o professor Nikolai e os outros 18 atores do elenco fazem parte da Cia. Ensaio Aberto. ■

Camilla Mai



THELMA RESTON (à direita) é a personagem-título de "A mãe", em que atua com atores da Cia. Ensaio Aberto